

## O PELOURINHO

Celso Maria de Mello Pupo.

Marca o Pelourinho uma graduação significando a promoção de uma freguesia à categoria de vila autônoma, com administração própria, com suas leis e com sua economia. Campinas fundada em 1774, já em 1797 atingia desenvolvimento suficiente para se tornar vila, o que não era comum no Brasil português, pois, na capitania de São Paulo, muitas freguesias se tornaram mais que centenárias para atingir foros de promoção.

Ricardo Gumbleton Daunt, médico, irlandês naturalizado brasileiro, mudando-se para Campinas em 1845, teve o patriótico cuidado de colher e registrar toda a tradição oral que alcançou. Mesmo não sendo história, a tradição contém preciosos esclarecimentos que facilitam a fixação de fatos, e luzes que podem levar a conclusões exatas no trato da documentação.

Francisco Quirino dos Santos, poeta - atividade que leva o rebuscador da história à fantasia, e jornalista, que visa a divulgação de incentivos à pesquisa - legou-nos utilíssimos relatos e indicações documentais valiosas que o grande Benedito Otávio, com sua consolidada cultura geral, utilizou em trabalhos que, com os seus dois antecessores, marcaram pontos a se repetirem no faiscar pelas fontes históricas.

Deste último, o "Almanaque Histórico e Estatístico" de 1914, transcreve documentação das mais valiosas, com indicação das publicações e arquivos onde foram encontradas, o que prestigia e enobrece o autor. Suas conclusões - assim como as de seus antecessores citados, a vista de outras documentações e em consequência de organizações modernas de arquivos que, para nós de hoje, oferecem maiores facilidades de consultas e mais sólida segurança de interpretação - podem exigir retificações, o que, em nada, lhes diminui o valor.

Discorre Benedito Otávio sobre a tentativa de recusa a Barreto Leme, do seu mérito em ter doado área para o rocio, no território de sua sesmaria, como afirmara o Dr. Ricardo. E, para tanto, fundamentou suas conclusões em atas da Câmara Municipal, nas quais processou uma investigação, encontrando depoimentos idôneos e confirmando-se que a área de Campinas fora doação de Francisco Barreto Leme, o único sesmeiro que povou e cultivou sesmaria antes da fundação em 1774.

Constituída a freguesia na fundação de Campinas, trouxe-lhe grande progresso a indústria açucareira, resultando na aspiração de independência administrativa de seus habitantes. Solicitada por estes a elevação da freguesia em 27 de outubro de 1797, foram atendidos pela portaria governamental de 16 de novem-

bro seguinte, e ato institucional de 14 de dezembro, sob a presidência do Ouvidor Geral e Corregedor Luís de Barros Monteiro, e elevação do pelourinho significativo da autonomia.

Da elevação do pelourinho, ficou lavrado um termo que registrou o ocorrido:

"foi escolhido um terreno livre e desembaraçado de todas as partes, que se acha em distância bastante da Igreja Matriz, e fronteiro à mesma" (veja-se que o terreno do pelourinho, "livre e desembaraçado de todas as partes", pois a matriz provisória já havia sido demolida), "por parecer melhor para nele se levantar o Pelourinho para sinal de Jurisdição, mandou o dito Ministro levantar, o qual é um pau de Cabreuva oitavado: E aí defronte do dito Pelourinho se escolheu o lugar para os Paços do Conselho e Cadeia, ficando-se três estacas em sinal de onde principiar a obra e seguir para a parte da Igreja, ficando de ambos os lados desembaraçado de cada parte quarenta palmos para passagem e saída do Pátio da Matriz e Praça do Pelourinho" (veja "Campinas, seu Berço e Juventude" página 71), (1).

Se examinarmos o significado das duas palavras, pátio e praça na época em que foram escritas, encontraremos:

"Pátio s. m. Área murada e descoberta que está à entrada da casa".

"Praça s. m. (Do latim platea) Lugar espaçoso dentro de qual quer povoação, onde se fazem as feiras, mercados etc" (2).

Em Campinas existe igreja com seu pátio vedado por muros; é a Capela de Santa Cruz. E, então, pátio se entendia área privativa da casa ou igreja, imprópria para outras utilidades, enquanto a praça se classificava por um utilitarismo variado. Os mesmos dizeres "ficando de ambos os lados desembaraçados, de cada parte quarenta palmos para passagem e saída do Pátio da Matriz e Praça do Pelourinho" já foram por nós interpretados (trabalho acima citado) como indicativos da existência de dois logradouros distintos.

E esta nossa interpretação encontra documentos que a confirmam como exata, na mesma obra de Benedito Otávio, quando trata e transcreve do Livro de Atas da Câmara Municipal, documentos relativos à dúvida levantada sobre a doação de Barreto Leme, de área para fundar-se a cidade, cuja exatidão ficou provada por testemunhas e seus depoimentos no processo, quando também afirmaram "que os terrenos municipais são os compreendidos dentro de um quarto de légua para os lados do Pelourinho, o qual era situado junto à Cadeia atual, no Largo do Mercadinho".

Sabido como é que a praça Antônio Pompêu teve vá-

rias designações, recordemos Júlio Mariano:

"Em 1853, O Paço Municipal, Cadeia, Forum, todos funcionavam num só edifício, por vezes chamado Cadeia Velha. Construção que datava de 1816, o casarão da Municipalidade se erguia no local onde se encontra o monumento a Carlos Gomes, tendo pela frente o Largo da Matriz; à direita o Largo do Pelourinho (3). ~~\_\_\_\_\_~~

Os dizeres do minucioso historiador, testificam bem utilidade para os campinenses, de um pátio da Matriz e uma praça do Pelourinho, que também foi o largo do Mercadinho restaurado em 1872, na vacância do Pelourinho que se mudara para a antiga praça da bica do nascente.

E veja-se, ainda, o Livro do Tombo da Câmara Municipal, aberto em 5 de setembro de 1884, em cujo termo de abertura se encontra esta afirmativa:

"Este Pelourinho esteve colocado na pequena Praça do mesmo nome naquela época" (1797) "e anos depois, sendo depois denominada pela Câmara Municipal Praça Carlos e Gomes e atualmente da Liberdade".(4). Hoje praça Antônio Pompeu.

~~xxxx xxxxx xxxxxxx xxxxxx~~ E ainda temos conceituado historiador, Omar Simões Magro, que em belo trabalho de 1923, afirmava: "A Cadeia situada em uma praça oblonga", "ao lado o largo do Pelourinho". "O Pelourinho foi mudado do largo ao lado da Cadeia, para o largo que terminava a viela desse nome, largo que hoje se chama Heitor Penteado. Um dia porém, foi derrubado e queimado, e o largo se chamou da Liberdade por proposta de Francisco Glicério. Ali, uma chácara que a si própria se classifica de - Benemérita - levantou o novo mercadinho, hoje pouso das andorinhas" (5).

(de livro em preparo)

#### Notas

- 1 - Benedito Otávio de Oliveira, "Almanaque de Campinas" 1914, pag. 32
- 2 - Frei Domingos Vieira, "Tesouro da Língua Portuguesa.
- 3 - Júlio Mariano, "A Peste das Bexigas", "Correio Popular" 20/12/1966
- 4 - Livro do Tombo da Câmara Municipal de Campinas.
- 5 - Omar Simões Magro, "As Casuarinas", "Correio Popular" 3/10/1976.

"Não passaram muitos anos depois da ereção do bairro do Mato Grosso de Campinas em paróquia", "que a opinião pública reconheceu a necessidade de haver mais um templo além da igreja matriz".

"Relata a tentativa de Pedro Gonçalves Meira em terreno depois do sobrado de Camilo Xavier Bueno da Silveira, cuja propriedade passou para Joaquim Teixeira Nogueira de Almeida."

"Decorreram alguns anos", "o padre Antônio Joaquim Teixeira de Camargo, irmão dos snrs. Domingos e Luciano Teixeira Nogueira, ainda vivos, se tornou herdeiro da ideia; e reunindo a si o seu parente, senhor de engenho Joaquim José dos Santos Camargo" "deram começo à obra em lugar que a configuração do largo (hoje do Rosário) indicava como próprio; e aos poucos, maximé ajudados por esmolas de cativos, conseguiram levantar o templo e po-lo em estado que permitia a celebração do Santíssimo Sacramento Eucarístico, tendo-se primeiramente prontificado para esse fim uma capela lateral, que é colocada sob invocação de Senhor Bom Jesus da Pedra Fria".

"A falta de recursos, naquela época, em Campinas, era grande; as esmolas se limitavam a patacas e cruzados; porém a vontade era boa, e assim as obras puderam caminhar. Infelizmente uma morte prematura veio roubar o padre Antônio Teixeira à sua família e a Campinas; e ainda moço o seu corpo descançou no Carmo de Itu, em cuja cidade tinha parentes, e para onde fora em busca de recursos médicos, ali de ordem superior".

"Não tardou em aparecer quem eficazmente continuasse a obra assaz adiantada. Foi o revmo. padre Manuel José Fernandes Pinto que disse se encarregou, e, quando ao cabo de poucos anos veio a falecer, deixou muita coisa feita".

"Houve depois um longo período em que a tarefa de completar o que ainda faltava parecia abandonada. A irmandade que havia sido criada para zelar da igreja caíra em tal relaxação que fora suspensa, sendo nomeado um zelador; e nessas condições foi que dois respeitáveis clérigos, filhos de Campinas, o finado padre Januário Máximo de Castro Camargo e Prado e padre Francisco de Abreu Sampaio (atual vigário da paróquia do Carmo e Santa Cruz de Campinas) se de-

dicaram aos interesses desta igreja. Conseguiram a restauração da irmandade que, por alguns anos, de 1857 em diante, funcionou com brilho; e encontrando o padre Sampaio, nomeado capelão da igreja mais ou menos por esse tempo, em sucessão (salvo erro) ao padre Januário, um auxiliar de raro préstimo e dedicação na pessoa do snr. José Pinto Nunes, os melhoramentos necessários receberam poderoso impulso".

"O corpo de igreja foi forrado à moda abaulada, ou em meia laranja, como se diz. O assoalho e o ferro foram renovados, janelas receberam os competente caixilios envidraçados; e construíram dois altares nos cantos do Arco Cruzeiro. A igreja estava sem frontespício e torres." "Construtores seguintes, Joaquim do Amaral Camargo e Camilo Xavier Bueno da Silveira. Algumas imagens boas, e também alguns quadros atribuídos ao pintor paulista Manso".

(Do Dr. Ricardo Gumbleton Daunt, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, pag. 379)

*Pintura*  
A ~~obra~~ DO ROSÁRIO

Possuiu Campinas ~~uma~~ preciosa obra de arte pitórica sacra, só igualada em igrejas da Alemanha, da Áustria, de Roma na capela da Abadia de Monte Catini destruída pela última guerra, e em São Paulo onde ainda se conserva na igreja abacial de São Bento.

A velha história do templo de Campinas onde se fixou a citada obra de arte, ~~foi~~ primeiramente relatada pelo Dr. Ricardo Gumbeten Daunt, <sup>foi</sup> seguida pelo jornalista e historiador Leopoldo Amaral, em colunas de "A Gazeta de Campinas", em 1925, já existindo, então, a valiosa pintura, objeto de opiniões que a classificavam:

*Scheuchl*

Tomás Scheuchl

"A igreja do Rosário é decorada em estilo de Beuron, mosteiro beneditino da Alemanha que deu o nome a essa escola de pintura clássica. Este estilo cuja sobriedade não exclue a magnificência foi inaugurado pelo célebre padre Desidério Lenz, O. S. B. que ainda vive apesar de seus 94 anos de existência quasi toda consagrada ao serviço de Deus e da sublime arte. O artista que está dirigindo e realizando a decoração do templo campineiro foi um dos muitos alunos desse notável frade e em nossa visita à igreja vimos-lo sobre os andaimes, com um pugilo de jovens auxiliares, executando seus admiráveis painéis e decorações. Foge das apresentações, furta-se aos elogios e mantém uma reserva bem da sua raça e do ambiente religioso em que foi educado.

O Padre José Kreitmeir, da Companhia de Jesus, escreveu, com outros, um livro esplêndido a respeito desta escola beneditina explicando brilhantemente as propriedades do estilo de Beuren cujas características realizam bem ~~xxx~~ com sugestões de suprema piedade o objetivo da arte cristã que é estimular a alma para erguê-la acima da matéria impelindo-a a Deus, pela oração.

Sempre que nos referimos a esse mimoso templo, convertido em joia de arte pelos Missionários do Coração de Maria chamamo-lo igreja do Rosário, isto porque o povo o não conhece por outra forma, porque restaurado das ruínas, nem por isso perdeu o seu valor tradicional nem alterou a sua consagração que é a Virgem do Rosário"

(Original de 1925 - aproximadamente - do jornalista e advogado Paulo Álvares Lobo, no arquivo do autor).

"VIDA BOÊMIA - Bassi em Campinas.

Terquato Bassi, o talentoso pintor italiano que se transportara ao nosso país, ainda muito criança, é um nome brilhante na vida artística brasileira.

A sua glória de artista nos pertence, sem embargo de sua pátria de origem, porque foi no Brasil que o espírito do pintor Bassi se desabrochou para as manifestações de arte, experimentando as emoções da beleza, em meio à poesia bucólica encantadora de nossas paisagens que ele sabe transportar, com maestria, para as suas telas.

A sua grande predileção pelas cousas nacionais, o seu desmedido amor ao país em que reside desde sua infância, valeu-lhe o título de poeta das paisagens brasileiras.

E assim é, de fato.

A cor local, a nota regionalista de suas faturas de arte, neste gênero, explicam suficientemente o acerto daquele epíteto.

.....

Bassi é um fervoroso beneditino de sua arte.

Apesar de não se libertar da realidade, o artista vive contudo enquadrado na contemplação do belo, numa vida erradia, cheia de emoções fortes através das cidades do país.

Bassi gasta, perdulariamente, as reservas de sua requintada sensibilidade na realização do seu sonho de arte.

De sua "tourné" artística pelo interior, Bassi volta sempre cheio de satisfação pelas numerosas amizades grangeadas.

Em o número de suas relações amistosas, podemos nos incluir como amigo sincero e grande admirador de seu talento artístico.

.....

Falando de Campinas, Bassi vibra de entusiasmo recordando cousas e fatos...

A saudade de outros tempos poem soluços, por vezes, na sua voz sonora e pastosa.

As suas impressões de nossa cidade, ele nel-as vai transmitir na sua linguagem sem artifícios, rápida e colorida.

.....

Numa destas tardes de céu pardacento, na tristeza envolvente de um ~~xxx~~ fim de dia sem sol, Bassi de volta de sua exposição, atravessa a rua Barão de Jaguará...

Sobreesteve, de repente, defronte da herma do saudoso tribuno campineiro César Bierrenbach.

Num retrospecto rápido de fatos e cousas do passado, Bassi voltando-se para seu amigo dr. Paulo Lobo, disse consternado: César, tu não falas mais.

Pena é que o gênio de Bernardeli não o houvesse surpreendido numa de suas atitudes de inspirado da palavra, naqueles arroubos de eloquência que fizeram a sua imortalidade.

Um vago de tristeza assomou-lhe ao x semblante.

Bassi sentia a saudade, esse doce pungir de acerbo espinho, no dizer do poeta.

- Quero mostrar-lhe um mimo de arte sacra, disse Paulo Lobo ao artista de olhar parado e cismarento.

Alguma tela, indagou Bassi.

Não respondeu o dr. Paulo Lobo, é a Igreja do Rosário; e para lá nos encaminhamos..."

.....

#### A Igreja do Rosário.

Emergiam da penumbra os mármores artísticos dos altares. Aquele ambiente sagrado despertava-nos o sentimento da fé, essa força misteriosa que move montanhas, como dizia o convertido de Damasco.

De andaimes, armados até o corpo da Igreja, indicavam que as reformas do templo ainda não estavam no seu termo.

Alguns operários, em serviço, cruzavam-se rápidos, sob as arcadas ogivais do coro.

A admiração de um artista brotou espontânea diante dos maravilhosos painéis de um outro artista notável.

O dr. Paulo adeantava-se, em direitura à sacristia quando Bassi falou:

- Espera Paulo...

Que encanto, que maravilha! É a segunda vez, no Brasil, que me encontro em um templo decorado no estilo bizantino.

Olha como reveste as figuras uma poesia mística, na harmonia das cores e simplicidade dos traços.

No gênero, disse Bassi, só se compara, com o que vejo, a basílica de São Bento, da Capital.



Júlio Mariano

Ilustre <sup>dama</sup> - ilustre pelo parentesco a Ramos de Azevedo e mais ainda pela cultura que lhe aformoseia o espírito - distinguu-nos ontem com dois dedos de prosa pelo telefone, afim de nos ~~xxxix xxx xxx~~ chamar mais uma vez a atenção para o templo do Rosário e a riqueza pitórica de sua decoração. Solidária conosco, com respeito à opinião aqui externada a dias sobre o que traduz de monumento e preciosidade em arte sacra a referida igreja, a ilustre senhora não pôde reprimir a sua indignação e protesto ao saber que ainda se mantêm de pé aquele plano de urbanismo que condena a desaparecimento o belo templo, fato que vem confirmado na erudita nota da Comissão do Centre de Ciências, Letras e Artes, estampada ontem em nosso jornal.

O protesto, veemente como um brado de revolta, nos chegou aos ouvidos com a solicitação de tornarmos ao assunto, de agitarmos a velha questão. Mas não se limitou a isso a ilustre dama, que com os seus amplos conhecimentos das coisas de arte, as suas muitas viagens pela Europa e visitas a famosos templos e museus, melhor nos informou sobre a obra artística do Tomazinho Scheuchl, espalhada pelo mundo. Trata-se de um artista de fama universal, o preferido e ao que parece exclusivo dos beneditinos, para os soberbos afrescos que adornam as arcadas e colunas dos templos e bem assim os muros dos ~~monastérios~~ mosteiros dessa piedosa e culta congregação. O histórico Mosteiro de Monte Cassino, cuja destruição foi motivo de lamentação entre todos os povos civilizados, embora a justificação de cidadela ocupada pelo inimigo na campanha da Itália, o famoso Mosteiro, além de monumento de fé cristã para os fieis e de história para os eruditos, era igualmente um relicário de arte que devia ao pincel do Tomazinho! Nos seus escombros desapareceram igualmente os místicos e maravilhosos grupos que contavam do céu para o convite à prece e à meditação... Tão lastimavel para o mundo católico - e por certo também para o mundo artístico - foi a perda do Mosteiro de Monte Cassino, que já <sup>se</sup> seboça nos Estados Unidos da América do Norte um movimento entre milionários para sua indenização.

Também ~~em~~ Viena, de antes-guerra, se orgulhava de possuir um templo decorado pelo mestre único, sem discípulo, que é o Tomás

Scheuchl. Ignora-se, presentemente, seu destino. CMP 7.1.9.106-8

No Brasil, em São Paulo, temos a igreja de São Bento. Quão distante, porém, da riqueza e bonito da decoração do nosso Rosário, sem igual em todo o país! Lembra-se, a propósito, que quando em plena atividade na sua obra, no templo campineiro, o Tomazinho costumava repetir ele próprio, que ~~xxxx~~ esta era a sua obra prima! O que gastou em ouro, para o dourado dos seus filetes, representa uma fortuna. E nem foi o bastante para o remate dos derradeiros afrescos que ladeiam o altar-mor - aquela cena da morte de São José, por exemplo, para a qual nos chamou particularmente a atenção a ilustre dama.

Mas nós vamos botar no chão o templo do Rosário. Não se trata de uma exigência de guerra, como aconteceu na Itália ao velho Mosteiro de Monte Cassino. Simples exigência urbanística, que reclama mais amplo largo frente ao Palácio da Justiça!

E depois, contaremos em crônica sentimental aos pósteros, que tivemos, por uns tempos, o gosto e vaidade de possuir uma obra prima de arte sacra, do pincel do Tomazinho que andou aí pelo mundo, o mesmo que celebrizou tantos templos e mosteiros beneditinos...

Sempre é algo de que vale a pena contar..."

Do "Correio Popular" de Campinas, aos 31/12/1945.

.....

Eram as consequências de um plano urbanístico para Campinas cujo centro já não comportava o multiplicar de seu trânsito. O grande e competente urbanista, Eng<sup>o</sup> Prestes Maia, fora encarregado pela Prefeitura de um estudo sobre o problema, e resolveu propondo, na década de 1931-40, o alargamento das estreitas ruas Campos Sales e Francisco Flicério, tornando-as amplas avenidas. Desta solução, as necessárias demolições atingiriam a Igreja do Rosário com a sua preciosa decoração, formando-se então os partidários do sacrifício do Rosário e os defensores de sua obra de arte e acolhedor templo religioso.

Deste sério problema se furtaram alguns prefeitos da cidade, até a eleição do dinâmico prefeito Ruy Novais que assumiu a Prefeitura no propósito de realizar o alargamento das avenidas, e teve para reforço de suas desapropriações o parecer de peritos en-

a existência, no prédio da Igreja do Rosário, de "trincas grandes e bem visíveis nos arcos de sustentação próximos à cúpula; trincas em diversas paredes internas, por exemplo, na própria sacristia; trincas no piso, na parte direita da nave, próxima à sacristia onde se percebe um abatimento de alguns milímetros; a estrutura principal do telhado está de modo geral boa com algumas peças atacadas de cupim, a estrutura do forro está totalmente atacada pelo cupim, devendo ser substituída completamente; este forro que parece ser de estuque e gesso, e geral em toda a igreja, tanto na parte central como nas laterais, o estuque é feito sobre esturgamento de madeira branca e pode soltar-se a qualquer momento, visto o estado carcomido das peças de madeira."

Nova perícia foi realizada por engenheiros nomeados pelo Bispo Diocesano, Dom Paulo de Tarso Campos que escolheu os engenheiros Lix da Cunha, Mário de Camargo Penteado e Rubens Duarte Segurado que não divergiram do parecer anterior dos engenheiros da Prefeitura, o que conhecido, provocou o despacho do prefeito "para interdição imediata".

Mas o Bispo de Campinas ainda quiz o parecer de mais dois engenheiros, estes de São Paulo, Telêmaco van Langendonck, da Escola Politécnica, e José Carlos de Fiqueredo Ferraz, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, que confirmaram os estragos apontados pelas perícias anteriores e acentuaram as possibilidades de restauração do templo ("Correio Popular" de 4/2/1979) para o que não havia recursos financeiros.

Foi quando um médico, apaixonado pela arte, se uniu a outro artista que da arte vivia, e ambos estudaram e aplicaram técnicas de salvamento para pinturas de Tomasiño: o médico, Dr. José de Angelis e o Prof. Aldo Cardarelli, pintor que deixou renome pelo seu talento; graças a estes dois artistas, salvaram-se vários trabalhos do pintor Tomás Scheuchls, como as fotografias de alguns mostram. Uns se aproveitaram na nova Igreja e outros com particulares e no Museu Arquidiocesano.

Novo templo foi construído em bairro afastado do centro da cidade, pela mesma congregação religiosa que procurou reproduzir

o templo/sacrificado pelo progresso da cidade, os Padres do Coração de Maria. As novas construções tiveram ampliadas as suas instalações, não só construindo a nave, como nas acomodações para seus padres e seminaristas.

*Com indenização da Prefeitura?*